

PAPARAZZI

Ano 1 • Nº4 • Março-Abril 1996 • R\$10,00

arte fotográfica



O FOTÓGRAFO

MÁRIO SCHENBERG

Mit allen Augen sieht die Kreatur das Offene

Com todos os olhos a Criatura vê o Aberto

Rainer Maria Rilke, ELEGIAS DE DUINO, oitava elegia





Segundo Rilke, somente os animais, as crianças pequenas, os místicos e os amantes vêem o Aberto. O Aberto é o espaço incomensurável, atemporal, não objetivado. Olhar é fácil, ver é difícil. Olhar é parte de nosso sistema de sobrevivência, uma cadeira é para sentar, um buraco para evitar. O outro é um ser sem mistério facilmente catalogável. O mundo é um

espaço conhecido e conquistado, tem acima e tem embaixo, a esquerda e a direita, para frente e para trás. Tudo tem uma função e um objetivo, as coisas são úteis ou inúteis. Realidades duais. O Ver é revolucionário, é como não haver distinção entre o observado e o observador, é como se o ser visto se apresentasse pela primeira vez. Um cinzeiro deixa de ser cinzeiro



para ser uma poesia latente de significados. Quando você vê, o universo começa sua dança de sincronidades e você é o centro pulsante. Não existe o passo posterior nem o anterior, quando você vê, você é total, sem tempo, sem mesmo identidade. É êxtase.

Em fotografia, este sentimento é fundamental. A visão absoluta do olhar é estampada na fotografia, é revelada na fotografia, este instante de eternidade da visão é congelado no momento e sempre pulsante.

Esta visão é companheira dos fotógrafos geniais. O olhar objetivado é companheiro dos fotógrafos medíocres.

Tudo isso pra falar da absoluta surpresa quando me deparei com uma caixa de sapatos cheia de fotografias do Mário. Não podia acreditar nos meus olhos. As fotos pulavam de vitalidade. Com aquela caixa de sapatos consegui rastrear a visão de um jovem cientista de 24 anos considerado genial por Albert Einstein, um dos poucos que poderiam dar continuidade a seu trabalho. As fotos são todas de 1940, feitas durante a estadia de Mário na Universidade de Chicago e expostas no Observatório de Yerkes, pertencente à mesma universidade.

O maior espanto: as fotos revelam a visão do fotógrafo naquele momento. A totalidade da visão do aqui e do agora de 1940 transpõe fresca e aromática em 1996. Isto é muito

difícil. Quando nossas fotos saem do envelope da revelação, elas já estão velhas. Foram feitas no momento das férias, no momento da documentação. As fotos de Mário não foram feitas em momentos, mas o tempo parou diante de sua lente.

Para o físico nuclear talvez seja mais fácil, assim como para o místico, ter um *insight* sobre a relatividade da realidade, que se transforma e é recriada e imaginada a cada momento, que não existe fronteira entre observador e observado, que tudo se interage. Isso pulsa nas fotografias do Mário. Com aquela caixa de sapatos, consegui entrar de carona num rastreamento de sua visão e de seu *insight* futuro sobre artes plásticas. Sobre o ver.

Vamos falar sobre algumas fotos de Mário Schenberg:

CORRIDA DE BARCOS EM WILLIAM BAY, WISCONSIN, 1940

Parece um Brueghell pintado cinco séculos depois. Os automóveis são os personagens principais. Os humanos são coadjuvantes. Existe um homem solitário à esquerda, duas mulheres atravessando a rua e ao longe um casal esquiando num campo congelado. A corrida de barcos (única foto com título escrito atrás) deve ser para os carros, os personagens principais. Este fato de estranheza permeia a foto invisivelmente, daí o caráter insólito realçado pelo



branco da neve. A corrida deve começar a qualquer momento. Para quem? Nós funcionamos como cúmplices neste esconde-esconde de sugestões.

GIRL DE 1940

Foto sem título. No entanto, é uma girl de 1940. Não deve ser em Chicago, mas em Nova York. Existe ainda o Imperial Theater? A foto sugere a saída dos artistas, pelos fundos do teatro. A moça está exuberante e feliz. Ela coloca a sua bolsa elegante em cima de um hidrante e posa com muito gosto para o fotógrafo. Será uma atriz da peça de Cole Porter? De que grandeza? Será uma dançarina? Por que ela está tão feliz? Terá esta felicidade a ver com o fotógrafo? Será uma simples transeunte que se prestou de tão boa vontade a uma fotografia? Esta foto é um delicioso ponto de interrogação como a jovem de 1940.

HOMEM E COLUNAS

Será no Capitólio em Washington, no campus da Universidade em Chicago ou no Observatório de Yerkes? Não importa. Importa a humanidade abrangente que emana da foto. Nunca me senti tão irmanado neste homem que acende um cigarro ou toma notas numa caderneta. Ecce homo. Ele representa em sua simplicidade tudo o que há de mais sublime no ser humano. Um sim absoluto, flagrado quando as forças da barbárie ocupavam metade da Europa. Tão emocionante quanto a Pietà de Michelangelo em sua absoluta despreensão

SAPATOS

Foto irmã de Chaplin. Será o The Kid? É de um universalismo total. O outro sou eu. Nós todos usamos estes sapatos um dia. O universal através do cotidiano. Nunca a sublimidade residiu tanto na simplicidade.

José Roberto Aguilar,
artista plástico





• Sapatos

A exposição "O Mundo de Mário Schenberg" será aberta no dia 20 de março na Casa das Rosas (av. Paulista, 37, São Paulo). A mostra, que vai se estender até 19 de maio, reúne instalações, depoimentos em vídeo e áudio, obras de arte e artigos publicados por Mário Schenberg.